

no Salão Silva Porto

por JOÃO ALBERTO

EXPOSIÇÃO

de Maria Luísa Reis, João Reis e Carlos Reis

Abstraindo da obra de D. Maria Luísa Reis que se representa, em quantidade e qualidade, de maneira a não justificar uma crítica, falarei apenas de João Reis, como autor responsável da maioria dos quadros expostos.

Carlos Reis que aparece apenas como negação para chamar fregueses, somente prejudica o comércio de seu filho, pois a presença dos seus—ainda que peores—quadros realça a nulidade técnica da obra de João Reis.

Em Carlos Reis nunca observei mais nada que um virtuosismo nem sempre orientado com gosto, um certo espírito na observação superficial das coisas e pessoas, e um declarado desconhecimento das ansiedades profundas do artista.

A meu vêr, neste desconhecimento radica a sua estagnação de há muitos anos para cá.

E assim, penso que as mãos de Carlos Reis seriam excelentes auxiliares duma sensibilidade mais rica ou dum cérebro melhor esclarecido.

Porém, em João Reis, nem virtuosismo, nem espírito, nem uma pequena qualidade.

Eu não queria levar esta negação ao absoluto, mas a incoerência, o destrambelhamento e a desorientação, patentes nos seus quadros, vedam-nos melhores juízos.

Talvez João Reis pudesse libertar-se do charco em que se emerge dia a dia se tentasse fugir da influência paterna, e começasse a pintar guiado unicamente pela sua maneira de sentir; ou tivesse a coragem de reconhecer muito mau aquilo que tem feito e, no caso duma mudança impossível, quebrar os pincéis e vir admirar as obras de arte.

Nem todos nascemos para pintores e a natureza superior dessa nossa impotência despe-nos de toda a culpa e não justifica a mínima vergonha.

Mas eu tentarei dizer porque acho que as suas obras expostas no Salão Silva Porto, não sendo obras de arte nem sequer representam pintura razoável: Porei de parte considerações sobre o carácter elevadamente especial das reacções dum verdadeiro ar-

tista em frente à natureza.

Dedicar-me-á apenas, a examinar o ofício:

Em João Reis distinguem-se, claramente, dois processos: um, para o retrato, e o outro para a paisagem.

Esta duplicação pareceu-me assentar no seguinte: a do retrato, (pintura de bonitinho fácil, muito lambida), no conhecimento prático que indica ser essa a maneira preferida pelo retratado e portanto pelo freguês. A da paisagem (pincelada solta) pela influência paterna, e que é fundamentada na técnica dos impressionistas que, como se sabe, são acima de tudo grandes paisagistas.

Com estas escolhas de processos, revela João Reis um excelente sentido prático da vida pois é um facto conhecido que a maioria dos pintores que conseguiram fazer fortuna se representa precisamente pelos retratistas da maneira gelada, lambida e sensaborona. (Recorde-se, mas guardando as devidas distâncias, o caso do «pompierismo» davidista, o caso de Meugs, de Ingres, da escola inglesa, de Medina e, até em certa medida o do nosso Eduardo Malta.)

E agora, quanto à classificação dos valores da sua técnica começarei por declarar que em João Reis, o desenho é do peor.

O quadro «Hortenses» que figura no catálogo, sob o número 16, poderá servir-me de exemplo. Aqui, os erros de perspectiva são absolutamente flagrantes chegando a cabeça da figura a deixar de pertencer àquêl corpo de mulher, pois as linhas que a compõem tomam uma direcção inteiramente diferente. Isto é, enquanto os ombros apresentam uma inclinação determinada, a cabeça tem outra muito diferente; a clavícula esquerda tem um comprimento e uma colocação absolutamente impossíveis; as mãos são horríveis.

No retrato de seu filho as pernas da criança parecem dois paus uniformes; o cão sem volume, lembra uma estampa de cartão recortada e sobreposta na tela. Este mau desenho manifesta-se declaradamente em todos os trabalhos.

Basta que João Reis se dedique a despir as suas figuras para verificar, facilmente, que tenho razão.

A perspectiva aérea nunca foi obtida e os céus das suas paisagens assemelham-se sempre a um cortinado azul

baixando, perpendicularmente, por traz da linha do horizonte.

Como colorista também não pode ser peor.

A harmonia não existe; umas côres apagadas, outras num berreiro carnavalesco, colocadas à sorte, duma maneira absolutamente inconsciente.

No retrato de D. Emilia Menano, existe um vestido pintado a verde cru, tão berrante que se não limita a dominar o retrato mas domina igualmente o conjunto dos quadros expostos.

Não existe um único acorde de nuances, nem uma única cor que defina o artista.

Só tintas; apenas tintas.

No quadro N.º 25, uma figura de lobo do mar, sem construção, existe um fundo que representa um trecho qualquer de vila ou logarejo. Depois de pintar tudo com grises e meias tintas, João Reis desenhou as portas duma taberna, com dois traços azuis muito vivos. O resultado é evidente; quer a figura principal quer todo o quadro ficaram imediatamente subordinados a duas pinceladas que o pintor, por ignorância ou desleixo, foi colocar no ponto mais secundário do motivo.

No quadro «Margens do Arouce» aparece uma água pintada a sujo que é impossível que ela seja assim. Pois João Reis não teve dúvida em pintar todo o primeiro plano com essa tinta horrível que só um gosto péssimo poderia fabricar. Isto representa uma manifestação de preguiça indesculpável.

Quadros como os números 24, 21 e 31 nem a um principiante se desculpariam.

Da composição nem sequer falarei pois me parece assunto que já mais preocupou João Reis.

No retrato do filho, limitou-se a desequilibrar tudo com aquela metade de cão em que se revela duma ignorância, e impotência técnica raras vezes atingida.

Se o ideal particular do artista se reconhece no tipo das figuras, na disposição geral do quadro, na *tournure* dos personagens, na expressão, etc., etc., teremos de considerar João Reis sem o menor ideal artístico.

Quere dizer, aquela exibição no Salão Silva Porto, não podia ser mais triste. Uma coisa, uma única coisa tenho de lamentar: a tela e as tintas gastas prodigamente e que fariam a felicidade de muitos artistas pobres.

EXPOSIÇÃO

de Eduarda Lapa

Nada é mais penoso para todo o que escreve sobre as formas da arte que o ter de limitar-se a falar, apenas, de reproduções das formas banais dos objectos.

Eu entendo por formas banais dos objectos aquelas que estão ao alcance de todo e qualquer mortal; não as formas, que só certos indivíduos (artistas) são capazes de observar e reproduzir.

Exemplificando: se tomarmos um desses maravilhosos auto-retratos de Dürer, facilmente reconhecemos uma figura de homem. E' portanto a imagem dum indivíduo real; porém não a imagem banal que nós todos conhecemos na labuta diária, mas sim a forma belamente ideal desse indivíduo real.

Esta união do real ao ideal é a fórmula da melhor arte.

E' a reprodução das formas ideais da natureza que define um artista.

Tentar apenas, como Eduarda Lapa, a reprodução da forma banal das coisas, é uma tarefa que nada tem que vêr com as Belas-Artes.

As suas paisagens, as suas flôres e frutos, tão ausentes de beleza de harmonioso conjunto de forma e colorido em nada podem concorrer, com a impressão que todos temos, em frente da natureza autentica.

Artista é aquêl que nos ensina aspectos mais belos que nem todos sabemos encontrar.

Ora as flôres pintadas por Eduarda Lapa já mais resistiriam a um confronto com as verdadeiras; mesmo sem ser artista quem quer que as observasse acha-las-las sem frescura, sem a harmonia, sem a delicadeza tão própria desse género.

Essas imagens pintadas por Eduarda Lapa parecem reproduções de flôres fabricadas com papel.

As suas paisagens não agradam porque além de tudo a palêta e os recursos técnicos da pintora são muito pobres.

Há quadros como esse da ponte de D. Maria que chegam a ser horríveis.

Inteiramente banal, inútil e apagada se apresentou Eduarda Lapa.